



NARRATIVAS ESTRANGEIRAS: MEMÓRIA DE MULHERES JAPONESAS NO BRASIL (1940-1990)

Sidinalva Maria S. Wawzyniak ¹

Introdução

O presente estudo tem como objetivo analisar as narrativas das imigrantes japonesas no Brasil (1940-1990), a construção de sua identidade e identificação. Para tanto, pretende buscar, nas lembranças das memorialistas nipônicas, as trajetórias e as experiências no território brasileiro. E também seguir as estratégias, que elas, colocaram em práticas para manter e/ou recriar seus universos culturais e conseqüentemente construir suas identidades. Trata-se de verificar como as imigrantes, lançando mãos de seus valores e de suas representações, traduziram e construíram seus espaços de permanência ou de pertencimento a sociedade e adoção.

A análise das trajetórias de vida das imigrantes japonesas no Brasil, suas representações simbólicas e identificações, tem como suporte teórico os Estudos Culturais. Essas abordagens partem do pressuposto que os indivíduos possuem elos que os ligam a uma comunidade, e ao mesmo tempo fornecem elementos para a construção de uma representação do mundo que os envolvem. Nessa perspectiva, os sistemas simbólicos são articulados pelos atores sociais como estratégias de reconhecimento e de pertencimento.

Em seu tempo de inserção na sociedade brasileira, muitas vezes em ambientes hostis, as mulheres japonesas criaram estratégias de sobrevivências apoiadas nos valores culturais herdados da terra de origem de seus pais. Os depoimentos das imigrantes japonesas revelaram como elas articularam esses elementos simbólicos na representação de sua identidade-identificação, dialogando com a nova realidade, ao mesmo tempo em que mantinham o apreço pela sua tradição.

Identificação e Memória

O processo de reestruturação socioeconômica vivido pelo Japão, desde a segunda metade do século XIX, favoreceu o surgimento de correntes migratórias que se encaminharam para diversas partes do mundo. Dentre os vários destinos desse movimento, estava o Brasil. Foi assim que, em 18 de junho de 1908, aportou em Santos, São Paulo, o navio *Kasato Maru*, trazendo 165 famílias, inaugurando a rota oficial de imigração entre o Brasil e o Japão.

¹ Doutora em História Social pela Universidade Federal do Paraná, Pesquisadora e Professora da Universidade Tuiuti do Paraná.



A identificação das imigrantes japonesas, portanto, apóia-se nessa data precisa, 1908, invariavelmente evocada no processo de reafirmação da sua identidade como um fator da composição de sua representação. Afinal, trata-se da chegada da primeira leva de japoneses ao Brasil. Um acontecimento, aliás, amplamente noticiado pelos meios de comunicação da época, principalmente nas regiões onde eles se instalariam.

As análises e interpretações das trajetórias de vida das imigrantes japonesas no Brasil, suas representações identitárias e identificações, estão fundamentadas na cultura como uma teia de significados construídos em um contexto histórico específico. O imigrante, fora de seu país de origem, tenta construir uma representação da sua cultura a partir de uma memória “constituente do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva”, pois ela é “um fator” de sentimento “de continuidade e de coerência de uma pessoa ou grupo em sua construção de si”.² Portanto, na reconstituição de seus valores culturais, ou no processo de transmissão, o imigrante procura, também, reconstruir uma representação a partir de uma realidade que já mudou e que pode não mais existir em si mesmo.

Para Chartier, os indivíduos possuem elos que os ligam a uma comunidade e ao mesmo tempo fornecem elementos que propiciam a construção de uma representação do mundo que os envolvem. Essa representação social está sedimentada por modalidades de relações: de classificação e de recortes da realidade que possibilitam a elaboração de configurações múltiplas, e de práticas que permitem “... reconhecer uma identidade social”, dando ao grupo uma singularidade e estabelecendo sua diferença e as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais ‘representantes’ (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe”.³

Woodward acompanha esse argumento afirmando que “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”.⁴

Sendo os sistemas simbólicos articulados pelos atores sociais como forma de reconhecimento do mundo a sua volta, a leitura das estratégias utilizadas pela imigrantes japonesas,

²POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992. p.204.

³CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v.11, n.5, 1991. p.183

⁴WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.17



objeto desse estudo, exemplificam esse argumento, na medida em que relatam como manipulam certos códigos culturais para a sua inserção em determinados grupos.

durante o período de minha formação universitária enfrentei muitas dificuldades para me relacionar com os brasileiros, eles tinham uma imagem dos japoneses que não facilitava aproximação. O meu recurso foi me aproximar dos colegas que precisavam de minha ajuda e fazer trabalhos e colocar o nome de alguém que tinha esquecido ou não tinha feito. Não gostava muito disso, mas deu certo, depois de seis meses já tinha um grupo de amigos.⁵

Para Hall, as representações identitárias são traduzidas nos valores culturais, nas organizações sociais, nos espaços de trabalho e nas manifestações de suas crenças. Nelas, o indivíduo vai atualizando seu cotidiano traduzindo suas ações nos planos “da história, da política, da representação e da diferença”.⁶ Vê-se, então, que o percurso trilhado pelos sujeitos é fundamentado em sua inserção em algum espaço e tempo.

Meu pai fundou uma igreja com o objetivo de agregar os japoneses que estavam se desvirtuando do seu caminho religioso, mas principalmente de seus valores, de sua cultura. Ele não queria perder a sua crença e também não queria que seus conterrâneos também perdessem. É muito engraçado a sensação que tinha era que para ele era como se seus conterrâneos deixassem de ser japoneses.⁷

Meu tio se tornou político por causa da comunidade japonesa, os homens se reuniram e pediram que ele se filiasse ao Partido (...), porque a comunidade precisava ter uma voz que falasse em seu nome e defendesse os seus interesses. Até hoje ele reclama, mas atendeu ao apelo da colônia.⁸

Os indivíduos desempenham, pois, uma posição de “agentes” e, como tal selecionam, classificam e escolhem os elementos para compor sua identificação e conseqüentemente a sua identidade. Esse é um comportamento estratégico, considerando que “a identidade é vista como um meio para atingir um objetivo”, e como atores sociais, não estão desprovidos “de uma certa margem de manobra”; recorrem a sua “identidade de maneira estratégica”, de acordo com o contexto.⁹ Desta forma, as estratégias são elaboradas levando em consideração o contexto social e a “relação de força” que está sendo engendrada no transcorrer do processo. A identidade “seria uma ferramenta” que as imigrantes japonesas acionavam para medir e ganhar espaço social.¹⁰

Pensar que as famílias dos imigrantes japoneses, chegados ao Brasil a partir de 1908, reproduziram a cultura de sua terra de origem, as suas tradições é fechá-las em uma identidade cultural 'imutável', pois, “...apesar de seus esforços para continuarem fiéis a sua cultura, os imigrantes estão sempre defasados da cultura que se estabelece depois de sua partida. Este é, aliás,

⁵ M. I. W., 39 anos. Odontóloga – Entrev. cedida a Sidinalva Wawzyniak, em 08/09/2001 em Curitiba/Pr.

⁶ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.187

⁷ K.W, 53ano, ProfA. Universitária – Entrev.cedida a Sidinalva Wawzyniak, em 20/03/2001 em Curitiba.

⁸ M. I. W., 39 anos. Odontóloga – Entrev. cedida a Sidinalva Wawzyniak, em 08/09/2001 em Curitiba/Pr.

⁹ CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru (SP): EDUSC, 1999. p.196

¹⁰ CUCHE, op. cit., p.196-197.



um dos maiores problemas no regresso dos imigrantes a seu país: eles não o reconhecem mais, devido a suas mudanças, geralmente mais no aspecto cultural do que material.¹¹ Essa reprodução tem como base uma memória construída pelos imigrantes de uma história vivida ou idealizada, de um passado que deseja reviver, lembrar e transmitir para seus descendentes, como bem retratam os depoimentos de duas representantes dessa etnia:

meus pais e meus tios queriam que todos os filhos casassem com japoneses, pois assim nossos filhos não correriam o risco de ser brasileiro e com isso não respeitar a nossa religião e nossos costumes. Foi muito difícil eles aceitarem o casamento do meu irmão com uma moça polonesa, meu pai morreu reclamando...¹²

Mesmo depois que optei pela religião católica continuei a realizar os rituais japoneses, minha mãe ensinou os meus filhos. Depois que meus pais morreram eu continuo realizando os ritos em memória deles, é uma forma de respeito, eu não conseguiria abandonar totalmente, pois fui educada nesse modelo.¹³

Além disso, a cultura de origem que os imigrantes tentam manter reflete fragmentos, reduções de alguns "elementos de si mesmo", que não correspondem a um "sistema coerente". Uma cultura que não é "mais plenamente uma cultura", mas sim a reprodução de alguns traços possíveis em terras estrangeiras, uma tradução que possibilita a recriação de uma representação que viabiliza uma identificação distintiva. Isso é provocado porque esses fragmentos, fora de seu contexto, perdem a sua função e passam a sofrer influências do ambiente sociocultural e histórico em que se instalaram.¹⁴

Narrativas identitárias

Os nipônicos tentam reproduzir uma comunidade cultural imaginada a partir dos traços que selecionaram ou traduziram e para isso vão recorrendo aos seus valores culturais de acordo com que ficou retido em sua memória; porém, a memória é "seletiva",¹⁵ por isso "nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado".¹⁶ Assim, foram reinventando aquilo que foi possível, respondendo à situação que estava sendo vivida. O universo cultural é construído cotidianamente, "reinventado, recomposto, investido de novos significados". Nesse processo de construção e reconstrução estão os símbolos e signos que promovem "significações novas ou não-oficiais".

Na sociedade japonesa esses valores foram sendo inculcados a partir de uma tradição cultural, social e histórica. Os imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil reelaboraram esses valores a partir do contexto que estavam vivenciando. Na relação com a população brasileira essa postura era

¹¹CUCHE, op. cit., p.229.

¹²H.S., 69 anos, Artista Plástica – Entrev. cedida a Sidinalva Wawzyniak, em 11/07/2002 em Curitiba Pr

¹³H.K.W 78 anos, Bióloga – Entrevista cedida a Sidinalva Wawzyniak, em 10/04/2002 em Curitiba.

¹⁴CUCHE, op. cit., p.231.

¹⁵POLLAK, op. cit., p.203.

¹⁶POLLAK, op. cit., p.203.



relativizada, na medida em que os imigrantes consciente ou inconscientemente tinham que fazer uma incursão no universo cultural do outro. Até porque a comunicação e a relação de reciprocidade tinham de ser estabelecidas. Nesse momento a tradução tem um peso importante, pois é ela que vai permitir a construção de uma rede de comunicação recíproca. Para os japoneses, como para todas as comunidades de imigrantes, o papel de educar os filhos e gerenciar a economia doméstica fica sobre a responsabilidade da mulher.

Diante do exposto, parece importante afirmar que, à medida que os sistemas de valores são traduzidos e a “representação cultural se multiplicam”, os indivíduos, ao longo de seu percurso existencial, se defrontam com uma multiplicidade de “identidades possíveis”. E é nesse contexto que eles negociam e criam estratégias identitárias.

As imigrantes japonesas no Brasil construíram, então, o seu cotidiano traduzindo os valores culturais na organização do seu grupo familiar, no espaço de trabalho, na educação de seus filhos e na manifestação de sua religiosidade. Foram-se tornando, emprestando uma expressão de Stuart Hall, *mulheres traduzidas*,¹⁷ na medida em que estiveram sujeitas "ao plano da história, da política, da representação e da diferença"¹⁸ da sociedade estrangeira.

Essa tradução não significa que as imigrantes japonesas tenham perdido os traços da sua cultura de origem. Elas ainda carregam marcas de sua tradição histórica. Vinculados a outra realidade, porém, esses valores são produtos de "várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias 'casas'".¹⁹ Dessa forma, a cultura reproduzida pelas mulheres não é mais a japonesa, no sentido "puro", nem é a brasileira, e sim uma *cultura híbrida* que foi sendo engendrada no processo de inserção na sociedade local. Isso só é possível porque os imigrantes "estão irrevogavelmente traduzidos", ou seja, transferidos, transportados entre fronteiras de dois mundos. Eles devem "aprender a habitar no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais e a traduzir e a negociar entre elas".²⁰

Um exemplo disso encontra-se na tentativa do imigrante em reproduzir, no Brasil, a sua estrutura de “aldeia” (mura) nos núcleos formados por empresas japonesas, traduzindo uma experiência constitutiva de seus valores, porém com a influência sociocultural e ambiental da sociedade de ingresso. Para manter essa estrutura, teceram uma rede de relações de reciprocidades que possibilitou tanto a sobrevivência nos núcleos como uma negociação das identidades, porque o

¹⁷HALL, A *identidade*..., op. cit., p.89.

¹⁸HALL, A *identidade*..., op. cit., p.87.

¹⁹HALL, A *identidade*..., op. cit., p.88-89.

²⁰HALL, A *identidade*..., op. cit., p.89.



imigrante teve que se dispor ao outro, identificando-se e ao mesmo tempo realçando a sua identificação.

Essa articulação propiciou às imigrantes japonesas uma identidade relacional, pois, para a sua existência, ela depende "de algo fora dela (...) de outra identidade", a brasileira, que "fornece as condições para que ela exista".²¹ Sendo assim, a identidade japonesa foi sendo construída e representada por esse confronto identitário.

As imigrantes japonesas, ao longo de suas trajetórias, no Brasil, foram aos poucos desconstruindo os mundos que trouxeram em sua bagagem e ao mesmo tempo desvendando o novo mundo. Nesse processo foram traduzindo novos elementos na construção e na representação desse novo mundo.

Eu era criança quando cheguei ao Brasil, tinha 8 anos, minha mãe também era jovem, tinha 26 anos e meu pai 29 anos. Aos poucos o meu mundo foi sendo desconstruído e entraram em cena outros elementos que foram sendo assimilados ao longo da minha permanência aqui. Tive a oportunidade de construir um mundo particularmente meu, associando elementos japoneses com brasileiros tornando os elementos desconhecidos em parceiros desse cotidiano que foi obrigada a viver aqui.²²

As imigrantes japonesas, em diferentes situações e contextos na sociedade de adoção, negociaram diferentes formas de representação identitárias e suas identificações com marcas e contornos diversos. Todo grupo social, segundo Hall, "... é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são identificados sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos".²³ Seguindo essa análise, Hall aponta que o indivíduo "... assume identidades diversas em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em muitas direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas".²⁴ Portanto, em momentos históricos múltiplos as identidades das mulheres japonesas foram ganhando marcas e visibilidades que permitiram a sua identificação e atuação nos espaços sociais.

... fiz muitos caminhos incertos, porque trilhava os caminhos com o mapa de minha aldeia, os caminhos que na minha infância tinha registrado da minha memória. Não queria caminhar por estrada tão desconhecida. Mas não tínhamos escolha tive que aprender a caminhar. Um dia esses caminhos tornaram-se tão conhecidos que ando por eles como sendo parte da minha aldeia.²⁵

²¹ WOODWARD, op. cit., p.9.

²² H.K.W 78 anos, Bióloga – Entrevista cedida a Sidinalva Wawzyniak, em 10/04/2002 em Curitiba.

²³ Hall, op. cit., p. 177

²⁴ HALL, S op. cit., p.13

²⁵ H.S., 69 anos, Artista Plástica – Entrev. cedida a Sidinalva Wawzyniak, em 11/07/2002 em Curitiba Pr



Para H.S., a construção da identidade foi negociada ao longo de sua trajetória de vida. Segundo Cuche, “os indivíduos e os grupos são cada vez menos livres para definir suas próprias identidades”²⁶, dessa forma, cabe ao indivíduo participar de uma rede de negociação em que o que está em jogo e o seu reconhecimento e pertencimento a um determinado grupo ou sociedade.

As construções das identidades e conseqüentemente das identificações, dos imigrantes de uma forma geral, estão de certa forma associadas ao espaço territorial, a um acervo cultural de valores, códigos e regras, que marca diferenças entre os grupos sociais. Na formação e atualização das identidades, os indivíduos são levados a interiorizar e a traduzir modelos culturais da terra de adoção que lhes são impostos.²⁷

A constituição da identidade será sempre forjada no interior das relações sociais, na medida em que o processo de construção requer relação de alteridade.

No processo de negociação de sua identidade, o imigrante, tem como uma das estratégias a criação de organizações que tem como objetivo preservar os laços da cultura de origem, mas ao mesmo tempo assumem o papel de discutir as condições e inserir o imigrante no mundo do trabalho, da educação, da cultura e da política. Assim como também ser a referência territorial do grupo étnico.

Essas organizações étnicas viabilizaram a conquista de espaços sociais que definiram as relações com os demais segmentos étnicos presentes na sociedade brasileira. Dessa forma as entidades desenvolveram políticas que ampliaram os espaços de atuação dos imigrantes.

A criação de entidades que lutem para inserção e visibilidade de grupos específicos nas diversas dimensões sociais possibilita a organização e a demarcação simbólica dos grupos e ao mesmo tempo a sua identificação. Segundo Barth, “grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizados pelos próprios atores e, assim, têm característica de organizar a interação entre as pessoas”²⁸. Dessa forma, o conteúdo destes grupos se expressa com códigos e regras, os quais exibem sua identidade, por padrões de comportamento e procedimentos. Como os grupos étnicos apresentam expressões coletivas, é válido dizer que é possível a coexistência, no mesmo ambiente, de vários grupos étnicos cuja integração realça e mantém as singularidades. O contato produz a diferença e estas se defrontam onde estão as chamadas “fronteiras”.

²⁶ CUCHE op. cit., p. 188

²⁷ CUCHE op. cit., p.179

²⁸ BARTH, F. Grupo étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STRAIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade: surgido de grupo étnico e suas fronteiras** de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998. p. 18



A interação a um sistema social não leva ao desaparecimento das fronteiras, pelo contrário; as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos²⁹. Seguindo a análise de Barth, deve-se entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre grupos sociais. A identidade, no processo de interação, é formada pela visão que temos de nós mesmos e também pela forma que o outro nos vê. Em outras palavras, a identidade resulta do intercurso da identificação com a auto-identificação.

Pode-se, então, parafrasear Cuche, afirmando que é a identidade que está em jogo nas lutas sociais e na formação de um grupo étnico. Isto porque, nem todos os grupos têm o mesmo poder de identificação, uma vez que esse poder depende da posição ocupada no sistema de relações que liga os grupos,³⁰ mas compartilham e manipulam os símbolos sociais na relação que estão estabelecendo.

Portanto, as imigrantes japonesas ao tentarem reconstruir, na sociedade nacional, suas dimensões familiares, educacionais, religiosas, estiveram traduzindo seus valores culturais, que articulados permitiam a construção de uma representação simbólica de pertencimento.

Assim, na medida em que constituíram uma identidade coletiva, estabeleceram uma rede de comunicação, dando origem à representação simbólica do grupo, essas imigrantes investiram "ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo – quer se trate de família ou nação – o sentimento de unidade, de comunidade e de coerência",³¹ instituindo um elo de pertencimento a uma "comunidade imaginada".³²

Parece que ao longo da minha existência, meus pais, foram modelando o meu comportamento para que eu não fosse confundida com as brasileiras. Isso ficou muito claro quando eu estive no Japão, todos os meus parentes ficaram admirados de como eu era japonesa, diziam: você nos representa muito bem no Brasil. E por um longo tempo no Brasil eu sentia que era estrangeira mesmo....

Na constituição da representação do grupo étnico, vários fatores foram acionados, pois o indivíduo ...compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais, constitui um campo de comunicação e de interação, possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outro como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.³³

A conformação do grupo étnico encontra-se, portanto, fundamentada em uma "crença subjetiva" em uma origem comum, baseada nas semelhanças, nos costumes e nas lembranças do

²⁹ BARTH, Fredrik. Grupo étnico

³⁰ CUCHE, op. cit., p.185.

³¹ POLLAK, op. cit., p.207.

³² WOODWARD, op. cit., p.23.

³³ BARTH, F. Grupo étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STRAUFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade: surgido de grupo étnico e suas fronteiras** de Fredrik Barth. S.P.: UNESP, 1998. p.189-190.



processo de migração. "Esta crença torna-se importante para a propagação da comunalização, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente."³⁴

O recurso da representação do grupo étnico pode ser tomado como uma estratégia na identificação e inserção das imigrantes japonesas, na medida em que, "quando os atores, tendo como finalidade a interação, usam identidades étnicas para se categorizar e categorizar os outros, passam a formar grupos étnico".³⁵ Nesse sentido, a representação étnica funciona como uma estratégia que viabiliza a identificação e interação das mulheres japonesas nos espaços sociais.

Referência Bibliográfica

- BARTH, F. Grupo étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STRAIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade: surgido de grupo étnico e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, R.. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, SP, v.1n.5, 1991.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauri (SP): EDUSC, 1999.
- FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidade. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. R.J.: DP&A, 2000.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Início da imigração: a chegada da primeira leva. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n.39, 1995.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

³⁴POUTIGNAT, P.; STRAIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade: surgido de grupo étnico e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998. p.37.

³⁵BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. R.J.: Contra Capa, 2000. p.32.